

Interculturalidade e motivação na aprendizagem de línguas estrangeiras

Interculturalism and motivation in the learning of foreign languages

Elys Regina Kraviski ^(a); Juliana Bergmann ^(b)

(a) Professora na FACINTER e nas Faculdades Integradas Curitiba. Mestranda em Letras - Estudos Lingüísticos - UFPR. ekraviski@facinter.br.

(b) Professora na FACINTER e na PUC-PR. Mestre em Letras - Estudos Lingüísticos, doutoranda em Sciences du Langage pela Université Lumière Lyon 2 (França). julibergmann@yahoo.com.br.

Resumo

Este artigo é parte de resultados obtidos em nossos estudos desenvolvidos no âmbito da Lingüística Aplicada e tem como objetivo discutir a importância e a influência de diferentes elementos implicados no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, em especial a relação *interculturalidade* e *motivação*. Percebe-se que esses fatores influenciam-se mutuamente: quanto mais motivado o aluno está para aprender uma língua estrangeira, mais procurará conhecer e aproximar-se da realidade da comunidade de falantes; por outro lado, quanto mais próximo e consciente das diferenças e semelhanças culturais com a outra comunidade, mais motivado se sentirá para continuar seu intento de aprendê-la.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Motivação. Cultura.

Língua estrangeira e motivação

O desenvolvimento da teoria construtivista na psicologia, desencadeada pelo estudioso Jean Piaget, trouxe como reflexo para a educação a implantação de um novo modelo de ensino, em que o aluno assume um lugar central no processo de ensino-aprendizagem. Assim, o aluno deixa de ser um coadjuvante em sala de aula para assumir o papel de um

agente que participa ativamente do seu próprio processo, atuando de maneira significativa na construção de seus conhecimentos.

Com essa mudança de perspectiva, uma das preocupações dos professores passa a ser a motivação do aluno em relação à aprendizagem. Para Pinillos (1975) “a palavra motivação, derivada do latim *motus*, designa, na linguagem corrente, a raiz dinâmica do comportamento, isto é, aqueles fatores determinantes internos, mais do que os externos ao sujeito, que, de dentro para fora, o incitam à ação”.

Entre as classificações atribuídas à motivação está a de que ela pode ser extrínseca ou intrínseca. A motivação extrínseca é produzida fora do indivíduo, centrada nos resultados, na crença de que a aprendizagem terá uma consequência positiva. Quando é a única presente na aprendizagem, parece mostrar uma maior probabilidade de fracasso acadêmico. Um exemplo desse tipo de interesse é o desenvolvimento de metodologias e métodos de ensino de língua estrangeira que visam ao ensino da língua com um fim específico - como, por exemplo, o jurídico, para secretariado, para turismo, entre outros -, modalidade em difusão pela sua possibilidade de aprendizagem mais rápida e com aplicação definida.

Já a motivação intrínseca provém do próprio indivíduo. É centrada na satisfação pessoal, no prazer que a aprendizagem de uma língua proporciona, sem a busca de benefícios externos. Os alunos, intrinsecamente motivados, aprendem a língua estrangeira com metodologias e métodos de caráter geral, que abordam aspectos culturais e sociais das comunidades em que a língua é falada.

Cultura e motivação

A aprendizagem de uma língua estrangeira segue padrões e processos distintos de outras aprendizagens. Como afirma Bergmann (2002):

A aprendizagem de uma língua estrangeira é diferente da aprendizagem de outras disciplinas, principalmente pelo seu caráter social, que prevê a interação, direta ou indiretamente, do indivíduo

com povos e culturas diferentes da sua. Estando contemplada na área de conhecimento das ciências humanas, a aprendizagem de uma língua adquire um caráter individual e único, já que exige processos cognitivos ligados à experiência de vida de cada indivíduo. Conhecer a comunidade na qual a língua-alvo está inserida é imprescindível, principalmente, se considerarmos a língua como um dos códigos que melhor representa a cultura de um povo. (2002: 64)

Compreende-se então que, quando se estuda uma língua estrangeira, esta é, inclusive, uma das maiores dificuldades encontradas pelo aluno: o contato com a comunidade da língua-alvo, ocasionada, sobretudo, pelas distâncias geográficas. Apesar da maior facilitação de acesso às informações internacionais, através de multimídias como a televisão e a internet, é necessário que o aluno conheça um mínimo sobre a cultura e a maneira de pensar da comunidade da língua-alvo, para que possa estar apto a absorver essas informações, sempre a partir de um contexto determinado.

Para isso, não basta o conhecimento do sistema de normas, do léxico ou da gramática da língua-alvo. Segundo Williams & Burden (1999),

El aprendizaje de un idioma implica mucho más que el simple aprendizaje de destrezas o de un sistema de normas o de una gramática; implica una alteración de la autoimagen, la adopción de nuevas conductas sociales y culturales y de nuevas formas de ser, por lo que produce un impacto importante en la naturaleza social del alumno. (Williams & Burden, 1999:123)

Portanto, a aprendizagem de uma língua estrangeira é afetada pela globalidade composta pela situação social, o contexto e a cultura da língua-alvo.

A soma desses elementos sociais, contextuais e culturais forma o ambiente no qual o indivíduo está inserido e produz, assim, suas representações sobre outras culturas e linguagens. A influência desse meio sobre o indivíduo é extremamente forte, sendo determinante na formação do seu caráter e na sua maneira de ver o mundo. E essas crenças têm um impacto significativo na aquisição de uma segunda língua, já que não apenas a cultura do indivíduo configura seu caráter, mas recebe também a influência

de um outro meio social e cultural através da nova língua, levando-o a compartilhar e enriquecer o seu conhecimento prévio de mundo.

Para Gardner & Lambert (1972), pioneiros no estudo da motivação para a aprendizagem de segundas línguas, a motivação é associada a atitudes relacionadas à comunidade de falantes da língua-alvo, ao desejo expresso de interação com tais falantes e a um grau de identificação com a comunidade. Desse modo, ela é a combinação de esforço *mais* desejo de alcançar o objetivo de aprender a língua *mais* atitudes favoráveis para aprendê-la.

Em termos práticos, é o esforço que o indivíduo faz para aprender uma língua estrangeira nos institutos de ensino de seu país de origem, pressupondo, inicialmente, que o domínio desse idioma lhe permitirá uma aproximação com determinado povo e sua cultura. Eles propõem, então, um modelo sócio-educacional, visando conhecer melhor a motivação relacionada à aprendizagem de uma língua estrangeira. Esse modelo enfatiza a idéia de que os idiomas englobam em sua aprendizagem aspectos comportamentais típicos da outra comunidade lingüística:

- crenças culturais surgidas a partir do contexto social;
- diferenças individuais e, em especial, a motivação;
- contextos formais e não formais na aprendizagem;
- resultados lingüísticos e não lingüísticos.

Assim, percebendo a importância da compreensão (inter)cultural para a aprendizagem de línguas estrangeiras, muitos pesquisadores e professores se voltaram para o tema, tentando analisar exatamente em que medida esse elemento é determinante, ou significativo, para o êxito do processo de aquisição.

Interculturalidade e línguas estrangeiras

Discutir enfoques culturais não constitui empreendimento fácil. Temos muitas definições e conceitos que cercam o termo ao longo da sua evolução

no desenvolvimento das ciências sociais. Entendemos cultura como as tradições e costumes de uma determinada comunidade, sua maneira de viver e seus valores morais. Entretanto, o que mais representa a cultura de um povo é a sua língua. A importância da cultura no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira é percebida no momento em que observamos em nossos alunos a falta de informação e conhecimentos sobre outros povos e, principalmente, sobre a cultura da língua-alvo que está sendo estudada. Aprender uma língua estrangeira não significa somente a transmissão de hábitos lingüísticos ou a mera aquisição de estruturas gramaticais. É necessário entender e aprender as normas que regulam a interação social do país cuja língua estudamos.

Tradicionalmente, o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras está voltado para a distinção entre falantes nativos e falantes não nativos; aqueles são vistos como modelos ideais a serem seguidos pelos aprendizes, porque são dotados de certa autoridade que está associada à autenticidade e legitimidade no uso da língua, justamente por serem nativos. Mas de qual falante nativo estamos tratando? Do falante nativo escolarizado, de crianças, trabalhadores rurais, médicos, etc.? Qual modelo devemos seguir?

A dicotomia entre falante nativo e não nativo fez com que pesquisadores adotassem uma pedagogia mais voltada para um falante intercultural. Segundo Byram & Fleming (2001), o falante intercultural é aquele que conhece uma ou mais culturas e entidades culturais, relacionando-se com pessoas de diferentes culturas e também com o ambiente. É sob essa perspectiva que os autores propõem orientar os estudantes de idiomas estrangeiros para uma formação como falantes interculturais, superando o mito de imitação da suposta perfeição do falante nativo. E de acordo com essa proposta apresentada por Byram & Fleming (2001), Le Page & Tabouret-Keller (1985) definem seu conceito de competência intercultural como:

(...) la adaptabilidad a la hora de seleccionar las formas correctas y apropiadas exigidas por cierto contexto social de uso. (...) esta forma de competencia es precisamente la del hablante intercultural, que opera en las fronteras que dividen a varios idiomas o a variedades de idiomas, maniobrando su pasaje por las aguas

turbulentas de los malentendidos transculturales. (Le Page & Tabouret-Keller, apud Byram & Fleming, 2001: 33).

Os conceitos de competência e comunicação intercultural supõem um grande passo no processo de incorporação do componente sociocultural no ensino de Espanhol como língua estrangeira (ELE). Autores como Meyer (1991), Byram & Zárte (1994) demonstraram grande interesse por esse aspecto do ensino de idiomas e centrados nele desenvolveram estudos pioneiros. O modelo de comunicação intercultural, segundo Byram & Fleming (2001), parte de um marco teórico baseado nos seguintes aspectos:

- A integração da aprendizagem lingüística e cultural para facilitar a comunicação
- e a interação.
- A comparação de outros consigo mesmo para estimular o questionamento
- (crítico) da cultura central na qual estão socializados os alunos.
- Uma mudança de perspectiva que emprega procedimentos psicológicos de
- socialização.
- A preparação dos alunos para encontros e comunicação com culturas e
- sociedades diferentes.

Byram (2001) estabelece o conceito de competência intercultural baseado no modelo de Van Ek (1984), especialmente no que diz respeito às competências estratégica, sociolingüística e sociocultural. A comunicação intercultural está, portanto, vinculada à idéia de identidade e interação. O falante intercultural seria aquele que, consciente de suas identidades e culturas e das percepções que outras pessoas têm destas, é capaz de estabelecer relações entre a cultura da língua materna e a cultura da língua-

alvo, ser um mediador entre as diferentes culturas, explicar as diferenças entre elas, aceitá-las e valorizá-las.

Até o momento, focamos nossa abordagem no aluno de língua estrangeira, mas não podemos, no entanto, esquecer do professor, que é uma das peças-chave desse processo. A potencialização do desenvolvimento dos alunos de idiomas, como falantes interculturais, implica que nós, professores de línguas, estejamos dispostos a embarcar nessa viagem de descobrimentos para a qual nem sempre estamos preparados e que, evidentemente, obrigamos a repensar os conceitos e pressupostos que nos tornarão agentes de intermediação. É nesse sentido que, quando ensinamos cultura na sala de aula, temos que ensiná-la tal como se manifesta na linguagem, ou seja: “confrontar os estudantes com os significados associados com os usos específicos das palavras, e não com idéias e crenças abstratas. (Kramsch, *apud* Byram & Fleming, 2001:37).

O desenvolvimento da competência e da comunicação intercultural depende de uma mudança de atitudes por parte do professor, que não poderá seguir adiante se não levar em conta os valores interculturais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem do aluno intercultural. Segundo Edelhoff, (*apud* Byram & Fleming, 2001:255), os professores interculturais deveriam ter, idealmente, algumas das características relacionadas abaixo:

ATITUDES

- Ser aluno/professor internacional e intercultural. Estar disposto a perguntar a outras pessoas sobre a visão que outros têm dele e, também, estar aberto a novas experiências e acordos, ou seja, ser um mediador.
- Ser mais um intérprete social e intercultural que um embaixador.

CONHECIMENTOS

- Estar informado sobre a história e cultura da língua-alvo que está ensinando e, do mesmo modo, preocupar-se em estudar

mais a cultura do seu próprio país, além de procurar saber como essa cultura é percebida no estrangeiro.

- Saber transmitir seus conhecimentos, aplicando-os a diferentes situações de aprendizagem.
- Estar atento às más interpretações do idioma e saber como evitá-las.

DESTREZAS

- Saber direcionar, com especial habilidade, as destrezas de comunicação encaminhadas à negociação em diferentes contextos, tanto na sala de aula quanto fora dela.
- Melhorar sua capacidade para processar informação autêntica em diversos tipos de materiais.
- Fomentar, em sala de aula, uma aprendizagem baseada na experiência, no experimento e na negociação.

Portanto, podemos concluir que o ensino da cultura e dos diferentes fatores socioculturais, desde uma perspectiva intercultural, promoverá atitudes positivas e respeitadas entre os alunos, tais como aceitação das diferenças, tolerância e respeito para com o próximo. Igualmente facilitará a eliminação dos estereótipos culturais muito freqüentes em todas as comunidades e, dessa maneira, a promoção da compreensão de outras culturas.

Quanto à aprendizagem do idioma, a intenção é a de ajudar o aluno a comunicar-se de forma eficaz em situações de intercâmbio comunicativo contextualizado. O ensino da cultura faz com que o aluno desenvolva as estratégias necessárias para atuar socialmente na cultura da língua-alvo. Além disso, não há dúvidas de que a somatória de todos esses fatores fará com que o indivíduo se sinta mais próximo da comunidade de falantes da outra língua, aumentando, por conseguinte, e consideravelmente, seu nível de motivação para continuar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem.

Assim, abordar a questão do ensino-aprendizagem da cultura, ou melhor, o ensino-aprendizagem da língua como cultura, insere-se nesse contexto, o de assumirmos, como pesquisadores e professores, uma postura crítica diante da nossa prática, reconhecendo o indivíduo, seja ele aluno ou professor, dentro do contexto no qual vive, age e interage com os outros, com seu modo particular de interpretar o mundo à sua volta.

Referências

BERGMANN, J. C. F. **Aquisição de uma Língua Estrangeira: o Livro Didático como Motivador**. Curitiba, 2002, 155 p. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Lingüísticos), Universidade Federal do Paraná.

BYRAM, M. & FLEMING, M. **Perspectivas Interculturales en el aprendizaje de idiomas**. Madrid: Cambridge University Press, 2001.

BYRAM, M. & G. ZÁRATE. **Definitions, Objectives and Assesment of Sócio-Cultural Competence**. Estrasburgo: Consejo de Europa. 1994

GARDNER, R. C. & LAMBERT, W. **Attitudes and Motivation in Second Language Learning**, Rowley, MA: Newbury House Publishers, 1972.

LE PAGE, R. & TABOURET K. *Acts of identity. Creole-Based Approaches to Language and Ethnicity*. In: BYRAM, M. & FLEMING, M. **Perspectivas Interculturales en el aprendizaje de idiomas**. Madrid: Cambridge University Press, 2001.

MEYER, M. **Developing transcultural competence: Case studies of advanced language learners**. Clevedon: Multilingual Matters.1991.

PINILLOS, J. L. **Principios de psicología**. Madrid: Alianza Universidad, 1975.

VAN EK, J. **Comprehension as negotiation of meaning**. Amsterdam: Goethe-Institut.1984.

WILLIAMS, M. & BURDEN, R. **Psicología para profesores de idiomas: Enfoque del constructivismo social**. 1ª. Edición. Madrid: Cambridge University Press, 1999.